

NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

MANUAL DE APOIO

PARA **DOCENTES**

Serviço de Apoio ao Estudante
Instituto Politécnico de Leiria

2014



FICHA TÉCNICA

Título

Necessidades Educativas Especiais: Manual de Apoio para Docentes

Organizadores

Graça Seco, Luís Filipe, Patrícia Pereira, Sandra Alves

Colaboradores

Josélia Neves: Deficiência auditiva

Manuela Francisco: Produção de Documentos Acessíveis

Design gráfico, impressão e acabamento

Rui Lobo *CRM-ESECS-IPLeiria*

Data de impressão

janeiro de 2014

Instituto Politécnico de Leiria - SAPE

Rua General Norton de Matos - Apartado 4133

2411-901 Leiria - PORTUGAL

Tel. (+351) 244 830 010

ipleiria@ipleiria.pt | www.ipleiria.pt

sape@ipleiria.pt | www.sape.ipleiria.pt

Prefácio

No início de cada temporada letiva, antes mesmo de conhecermos os estudantes com quem iremos trabalhar, somos chamados a elaborar programas, definir estratégias e a criar materiais e atividades para uma ou várias unidades curriculares. Recorremos ao nosso saber científico, atualizamo-nos pesquisando os últimos avanços nas nossas áreas do saber e somos conscienciosos na programação das nossas atividades, selecionando, sintetizando, garantindo coerência e progressão no percurso a trilhar. É nossa principal função partilhar conhecimento e suscitar nos nossos estudantes a vontade de saber mais.

Até ao primeiro dia de aulas pouco ou nada sabemos sobre os alunos com quem iremos passar longas horas. As turmas são grandes e as pautas apresentam listas com números e nomes apenas. E sentados à nossa frente, um ao lado do outro, os números e nomes ganham rostos que aprendemos a reconhecer com maior ou menor esforço.

Estamos no ensino superior. Espera-se estar a lidar com jovens adultos, autónomos e motivados, com hábitos de estudo e as competências necessárias para acompanhar raciocínios abstratos e complexos e a resolver os problemas com que se vierem a deparar.

Todos estes pressupostos são perfeitamente válidos mas raramente verificáveis na prática pela simples razão de que, à nossa frente, em cada turma, estão seres humanos únicos, com passados, proveniências e sonhos distintos; e todos eles, com necessidades educativas especiais. Esta consciência de que cada aluno aprende de forma diferente e necessita de estratégias individualizadas levaria a que todo o sistema de ensino superior passasse a orientar-se de forma diferente. Os programas far-se-iam depois de se conhece-

rem os perfis dos alunos; os conteúdos seriam construídos do diálogo entre as partes; as estratégias seriam desenhadas à medida; e o currículo de cada um seria negociado, caso a caso, construindo-se assim percursos individualizados que levariam a perfis diferenciados em cada graduação. Este “desenho individualizado” é o que distingue Universidades como a de Oxford ou Harvard das demais e poderá ser também o que poderá distinguir uma instituição de ensino superior inclusivo de tantas outras instituições congêneres.

Ao procurar adequar o nosso ensino às necessidades dos estudantes referenciados como tendo “necessidades educativas especiais” por força de uma deficiência, estaremos a ensaiar estratégias de diferenciação que poderiam beneficiar todos os alunos se fossem alargadas, em princípio, a toda a comunidade educativa. Enquanto não se puder proceder à passagem do ensino superior massificado a uma abordagem individualizada, deixa-se o repto a que se equacionem formas de melhorar as condições de ensino/aprendizagem daqueles estudantes em condições mais delicadas na certeza de que, ao contribuir para a melhoria da qualidade de vida daqueles, estaremos a contribuir para melhores condições para todos os nossos estudantes, pois as estratégias preconizadas para um ensino acessível e inclusivo contribuirão para uma formação mais eficiente e completa para todos.

O Manual que aqui se oferece é um pequeno contributo do SAPE do Instituto Politécnico de Leiria para uma maior consciencialização das necessidades (especiais) dos estudantes (também eles especiais) a frequentar as nossas Escolas. Cada área científica, cada grau, cada curso, cada unidade curricular, cada estudante, será sempre um caso diferente; no entanto, ao termos pequenos cuidados estaremos a contribuir para o bem-estar e o êxito de todos os nossos estudantes. Com estas preocupações o Instituto Politécnico de Leiria continuará a reforçar um traço que lhe é já característico – o de uma instituição empenhada na humanização e no respeito pela diferença. Valores que quer acionar em todos os domínios da vida académica e que espera ver transmitidos à sociedade em geral pela mão dos seus graduados, pessoas (bem) formadas ao nível científico e humano.

Josélia Neves

Professora Coordenadora

Instituto Politécnico de Leiria

ÍNDICE

1. **Introdução** - *pags. 8*
2. **O Instituto Politécnico de Leiria – Regulamento** - *pags. 9*
3. **Recursos e Serviços do IPLeiria** - *pags. 12*
4. **Orientações Gerais** - *pags. 14*
5. **Necessidades Educativas Especiais** - *pags. 15*
 - 5.1. Deficiência músculo-esquelética - *pags. 15*
 - 5.1.1. Principais dificuldades na sala de aula - *pags. 16*
 - 5.1.2. O que fazer? - *pags. 17*
 - 5.2. Deficiência Visual - *pags. 18*
 - 5.2.1. O que fazer? - *pags. 18*
 - 5.3. Deficiência Auditiva - *pags. 20*
 - 5.3.1. O que fazer? - *pags. 21*
 - 5.3.2. Intérpretes de Língua Gestual - *pags. 24*
 - 5.4. Problemas de aprendizagem - dislexia - *pags. 24*
 - 5.4.1. Escrita - *pags. 26*
 - 5.4.2. Leitura - *pags. 27*
 - 5.4.3. Tirar apontamentos nas aulas - *pags. 27*
 - 5.4.4. Outras estratégias de intervenção - *pags. 28*
 - 5.5. Síndrome de Asperger - *pags. 28*
 - 5.5.1. O que fazer? - *pags. 30*
 - 5.5.2. Como lidar com crises - *pags. 31*
 - 5.6. Problemas de saúde mental - *pags. 32*
 - 5.6.1. Documentação - *pags. 33*
 - 5.6.2. Gerir Problemas de Comportamento - *pags. 33*
6. **O Papel do Professor Tutor** - *pags. 36*
 - 6.1. O que fazer? Orientações Gerais - *pags. 37*
 - 6.1.1. Atitudes a evitar - *pags. 38*
7. **Ética e Confidencialidade** - *pags. 39*
8. **Produzir Documentos Acessíveis** - *pags. 40*
 - 8.1. Elaboração de Páginas na Internet - *pags. 40*
 - 8.2. Elaboração de Documentos Escritos - *pags. 40*
 - 8.2.1. Especificações para folhas de cálculo - (EXCEL) - *pags. 41*
 - 8.2.2. Especificações para apresentações - (POWER POINT) - *pags. 41*
 - 8.2.3. Especificações para PDF - *pags. 41*
9. **Contactos de Alguns Serviços** - *pags. 42*
 - 9.1. Outras ligações - *pags. 43*
10. **Bibliografia** - *pags. 44*

1. INTRODUÇÃO

Em 2012, estudavam no ensino secundário português 14.772 estudantes que recebiam apoio educativo relacionado com a sua Necessidade Educativa Especial (NEE) (*European Agency for Development in Special Needs Education*, 2012). Assim, são cada vez mais os estudantes com NEE que chegam ao ensino superior.

Considerando estes dados, o Instituto Politécnico de Leiria (IPLeiria) tem vindo a desenvolver esforços no sentido de dar resposta às necessidades destes estudantes, de forma a promover a sua inclusão e igualdade de oportunidades.

O IPLeiria dispõe de um conjunto de recursos e serviços que têm como principal objetivo contribuir para o sucesso e bem-estar dos seus estudantes.

Integra atualmente o Grupo de Trabalho para o Apoio a Estudantes com Deficiências no Ensino Superior (GTAEDDES), acessível em <http://www.aminharadio.com/gtaedes/>), que tem como objetivo proporcionar um serviço de melhor qualidade a estes utilizadores.

Faz parte também da Rede de Serviços de Apoio Psicológico no Ensino Superior (RESA-PES-AP: <http://resapes.wix.com/web>), que tem como missão a promoção de atividades relacionadas com o apoio psicológico e psicoeducativo no ensino superior.

Depois de uma breve apresentação do IPLeiria e do seu Regulamento de Formação Graduada e Pós-Graduada e Regimes Especiais Aplicáveis a Estudantes em Situações Especiais, pretendemos apresentar os principais Serviços promotores de inclusão na instituição e sistematizar algumas dicas e sugestões para que os professores possam lidar o mais adequadamente possível com os estudantes com NEE.

**Pode ver um pouco do que tem sido feito ao nível da inclusão no IPLeiria:*
<http://vimeo.com/53849016>.

**É possível consultar as principais condições de acessibilidade do IPLeiria em:*
<http://www.european-agency.org/heag/search/273/pt>.

2. O INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA – REGULAMENTO

O IPLeiria é uma instituição de ensino superior de direito público, ao serviço da sociedade, destinada à produção e difusão do conhecimento, criação, transmissão e difusão da cultura, da ciência, da tecnologia e das artes, da investigação orientada e do desenvolvimento experimental. Integra 5 escolas presentes em 3 cidades: Leiria (Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Escola Superior de Tecnologia e Escola Superior de Saúde), Caldas da Rainha (Escola Superior de Artes e Design) e Peniche (Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar). Procurando responder à diversidade de estudantes que chegam ao IPLeiria, têm vindo a ser desenvolvidos um conjunto de serviços e recursos com o objetivo de promover um ensino superior inclusivo. A título de exemplo, o ano letivo 2012-2013 foi o ano do IPL+ Inclusivo, tendo como finalidade promover a inclusão enquanto oportunidade para o enriquecimento mútuo da comunidade do IPLeiria, nos mais diversos domínios da vida académica, profissional e pessoal.

Neste sentido, e na ausência, até ao momento, de uma legislação nacional que regule os apoios a prestar a estudantes com NEE no ensino superior, o IPLeiria dispõe de um Regulamento Geral que prevê um conjunto de medidas de apoio.

O Regulamento Geral da Formação Graduada e Pós-Graduada no Instituto Politécnico de Leiria e Regimes Especiais Aplicáveis a Estudantes em Situações Especiais, daqui em diante referido como Regulamento, encontra-se acessível em http://www.ipleiria.pt/lists/BUVDocuments/11513_rg_ipl_2.pdf e contempla os seguintes aspetos:

*

SECÇÃO III

Apoio a estudantes com necessidades educativas especiais

Artigo 129.º Regime de frequência

Para efeitos de frequência, é aplicável aos estudantes com necessidades educativas especiais ou deficiências o estatuto do trabalhador-estudante.

Artigo 130.º Direitos especiais

- 1. Os estudantes com deficiência terão prioridade nos processos de matrícula e inscrição, caso tenham necessidade de se deslocar aos Serviços Académicos para o efeito.*
- 2. A atribuição das salas de aulas no caso de turmas que incluam estudantes com deficiências deverá ter em conta aspetos de acessibilidade, nomeadamente evitando a existência*

de aulas em salas ou zonas de difícil acesso, ou procedendo, se necessário, a adaptações do mobiliário ou equipamentos.

3. Em caso de necessidade justificada podem ser reservados na sala de aulas lugares cativos para estudantes com necessidades educativas especiais ou deficiências.

4. Quando se justifique, os estudantes com necessidades educativas especiais ou deficiências terão a possibilidade de gravar as aulas, com a condição de utilizarem as gravações para fins exclusivamente escolares e pessoais.

5. No caso de o docente não concordar com a gravação das aulas ou na contingência de tal não ser possível, deverá fornecer atempadamente aos estudantes com necessidades educativas especiais ou com deficiências os elementos referentes ao conteúdo de cada aula.

Artigo 131.º Formas e métodos de avaliação

1. As formas e métodos de avaliação vigentes em cada Escola poderão ser adaptados por acordo entre estudantes com necessidades educativas especiais ou deficiências e o coordenador de curso, em função da situação concreta de cada estudante, ouvido o docente da unidade curricular respetiva.

2. No caso de estudantes com deficiência auditiva, a prova oral pode ser substituída por uma prova escrita; para estudantes com deficiência motora com incapacidade para escrever, a prova escrita pode ser substituída por prova oral, se tal for exequível na unidade curricular em causa.

3. Na realização de provas escritas, deverá atender-se ao seguinte:

a) No caso de necessidades educativas especiais ou deficiência que impliquem maior morosidade de leitura e ou escrita, será concedido aos estudantes um período complementar de tempo para realização da prova, de acordo com o tipo de prova e o critério do docente, que poderá corresponder a 50% do tempo de duração total;

b) Se a prova escrita implicar um grande esforço para o estudante, o docente deverá dar a possibilidade ao estudante de a realizar em pelo menos duas fases, com um intervalo substancial entre elas. Este ponto aplica-se sobretudo a estudantes amblíopes, em relação aos quais o aumento da duração da prova não colmata o facto de o esforço de leitura, durante longos períodos de tempo, proporcionar significativas perdas de atenção, facilitando a ocorrência de erros;

c) Durante a realização da prova, caso seja necessária a consulta de dicionários, tabelas, ou de outros materiais, o docente deverá proporcionar apoio especial aos estudantes;

d) Os enunciados das provas deverão ter uma apresentação adequada ao tipo de deficiência (enunciado ampliado para estudantes amblíopes, em caracteres braille ou gravado em áudio, para estudantes invisuais), e as respostas poderão ser dadas de forma não convencional (por registo áudio, em braille, por ditado, recurso a máquina de escrever ou registo informático).

4. No caso de estudantes com necessidades educativas especiais ou com deficiência, em que os respetivos condicionalismos específicos o recomendem, os prazos de entrega de trabalhos práticos escritos poderão ser alargados, em termos definidos pelos docentes.

5. No caso de estudantes cuja deficiência requeira sucessivos internamentos hospitalares e sempre que estes se verifiquem em épocas de exames/frequências, desde que devidamente comprovados, deverão os docentes dar a possibilidade de aqueles estudantes realizarem aquelas provas em datas alternativas a combinar entre ambos.

Artigo 132.º Acesso às épocas especiais de exames

Os estudantes com deficiência, para além do regime geral estabelecido para as épocas de exame, têm direito a inscrição para exame a 30 créditos na época especial, a seu requerimento.

Artigo 133.º Adaptação dos planos de estudos

1. As adaptações dos planos de estudos não deverão prejudicar o cumprimento dos objetivos curriculares, só sendo ponderadas quando se verifique que o recurso a equipamentos especiais de compensação não é suficiente ou que a atividade se revele impossível de executar em função da deficiência.

2. Poderão ser introduzidas alterações pontuais aos planos de estudos das unidades curriculares e ou atividades neles incluídos, no caso de o tipo de deficiência claramente o recomendar, devendo, sempre que possível, ponderar-se outras alternativas.

Artigo 134.º Apoio técnico e material

1. Os docentes e os serviços do Instituto e respetivas Escolas deverão procurar dar o apoio técnico e material possível, nomeadamente:

a) Caso se verifique a sua necessidade, os docentes deverão, no início do ano, fornecer à Escola os programas e a bibliografia das respetivas unidades curriculares, bem como outros elementos de trabalho que considerem que deverão ser utilizados pelos estudantes, para que se promova a adaptação desses elementos às características específicas dos estudantes;

b) A Escola promoverá, de acordo com os seus meios e com a brevidade possível, a aquisição/adaptação de instrumentos de trabalho necessários para a boa concretização do processo de ensino e aprendizagem;

c) Os estudantes com deficiências e os docentes poderão acordar entre si um número de obras que possam ser adaptadas em formatos alternativos;

d) Considerando os condicionalismos específicos de algumas necessidades educativas especiais ou deficiências, os prazos de empréstimo para leitura domiciliária praticados nas bibliotecas poderão ser alargados para esses estudantes.

2. O coordenador de curso deve articular com os Serviços de Ação Social o acesso do estudante aos benefícios sociais adequados quando este deles careça.

3. RECURSOS E SERVIÇOS DO IPLEIRIA

O IPLeiria dispõe de um conjunto de serviços úteis a qualquer estudante e, nomeadamente, aos estudantes com NEE. A saber:

- A maior parte dos edifícios pedagógicos do IPLeiria encontram-se adaptados para receber estudantes com necessidades especiais, dispondo de ascensores com comandos dotados de informação em *braille*, instalações sanitárias adaptadas e lugares de estacionamento para pessoas com mobilidade reduzida.
- As Bibliotecas (SD/IPLeiria) dispõem de computadores apetrechados com o leitor de ecrã *WindowsEyes*, permitindo aos estudantes cegos acesso à informação disponível, com controlo do conteúdo e da forma de leitura da mesma. Através dos Serviços de Documentação (SD) é possível aceder também à Biblioteca Aberta do Ensino Superior (BAES), a qual possui cerca de 3000 títulos em *braille*, áudio e texto integral.
- O Centro de Recursos para a Inclusão Digital (CRID) tem como principal missão facilitar a participação de cidadãos com necessidades especiais na sociedade de informação e conhecimento. Localizado na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, está apetrechado com um vasto conjunto de equipamentos que permite às pessoas com NEE aceder às TIC e beneficiar de um apoio técnico qualificado ao nível de aconselhamento e avaliação.
- O Serviço de Apoio ao Estudante (SAPE) disponibiliza apoio psicológico e psicopedagógico, orientação vocacional e acompanhamento pessoal aos estudantes do IPLeiria. Desenvolve atividades de avaliação e intervenção junto de estudantes com NEE, com o objetivo de contribuir para uma minimização do seu impacto no rendimento académico e auto-conceito destes alunos, procurando ajudá-los a (re)organizarem estratégias e recursos de suporte para lidarem eficazmente com os desafios e exigências do Ensino Superior, numa perspetiva de bem-estar em geral.
- Os Serviços de Ação Social (SAS) têm como objetivo proporcionar à comunidade académica melhores condições de estudo mediante a prestação de serviços e a concessão de apoios, promovendo a igualdade de oportunidades para todos os estudantes. Os SAS estão preparados para acolher estudantes com limitações ou deficiências sensoriais e motoras, nas residências e nas diferentes unidades de restauração (em Leiria, Caldas da Rainha e Peniche). As candidaturas aos benefícios sociais - bolsa de estudo e alojamento - são

efetuadas anualmente. Os estudantes com NEE podem beneficiar de estatuto especial de atribuição de bolsa e receber benefícios adicionais.

- A Unidade de Ensino à Distância (UED) recorre às mais recentes tecnologias da informação para fornecer a qualquer estudante condições de acesso a todas as áreas de formação do IPEiria. Sustenta um serviço de interpretação gestual a distância e promove a criação de conteúdos acessíveis; desenvolve esforços para tornar Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), plataformas, conteúdos e atividades abertos a todos; garante estruturas acessíveis e alternativas multiformato (ex: material em HTML, material audiovisual com legendagem e áudio descrição, interpretação em Língua Gestual Portuguesa, etc.).
- A Direção dos Serviços Académicos (DSA) é responsável pelos processos individuais dos alunos, propinas, matrículas e outros assuntos relacionados com a atividade académica, e também pelos processos relacionados com a atribuição do estatuto de estudante com NEE.
- A Direção de Serviços Informáticos (DSI) procura disponibilizar a todos os estudantes os meios informáticos necessários. Nesse sentido, insere-se nas suas atividades o desenvolvimento de aplicações Web que cumpram o melhor nível possível as normas W3C, garantido uma maior acessibilidade. Sempre que necessário é instalado o NVDA (leitor de ecrãs) nos computadores utilizados pelos estudantes, procurando-se apoio em todos os serviços do IPEiria para a disponibilização de equipamentos ou soluções adequadas às necessidades sentidas por alguns estudantes em particular.

4. ORIENTAÇÕES GERAIS

- Um dos primeiros passos para a inclusão dos estudantes com NEE é o respeito pela confidencialidade sobre as especificidades da sua necessidade especial, nomeadamente através da partilha com o estudante da informação relativa a si e da sua inclusão em reuniões sobre o seu percurso académico.
- O coordenador de curso e os docentes devem analisar com o estudante as dificuldades sentidas, procurando definir estratégias que melhor o possam ajudar a ultrapassá-las.
- Os docentes podem encaminhar o estudante para os serviços de apoio do IPLeiria promotores de inclusão, podendo recorrer também a estes mesmos serviços em caso de necessidade.
- O estudante é o primeiro responsável por analisar a sua capacidade de corresponder ao longo do ano aos requisitos da Unidade Curricular, em função dos condicionalismos decorrentes da sua NEE.
- Os docentes poderão não conhecer bem a NEE que o estudante apresenta, pelo que é importante que, no início de cada semestre, este procure esclarecer, o melhor possível, as suas limitações e os requisitos que considera necessitar.
- Sempre que verificar que irá necessitar de faltar às aulas, o estudante deverá comunicá-lo diretamente ao docente, de forma a encontrar-se alternativas válidas.
- Nas avaliações, o docente deve confirmar se as questões são apresentadas de forma adequada às especificidades da NEE do estudante (por exemplo: se o tipo de letra é simples; espaçamento entre linhas e itens adequado; agrupamento adequado de questões e itens, tornando-os graficamente fáceis de ler, etc).
- No seu sítio na internet, o SAPE (www.sape.ipleiria.pt/nee/) disponibiliza documentos que pretendem ajudar o docente a desenvolver as melhores estratégias possíveis para lidar com o estudante com NEE. Em caso de dúvida, pode contactar o Serviço de Apoio ao Estudante (www.sape.ipleiria.pt/sape/onde-funciona/).

5. NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

O conceito de Necessidade Educativa Especial (NEE) foi adotado a partir da Declaração de Salamanca, uma resolução das Nações Unidas de 1994, que sistematiza os princípios, política e prática em educação especial, procurando integrar as crianças e jovens cujas necessidades envolvam deficiências ou dificuldades de aprendizagem.

Deste modo, todos aqueles que se encontrem em desvantagem, devido a deficiência, problemas de saúde mental ou de aprendizagem, sobredotação, crianças de rua ou em situação de risco, pertençam a minorias étnicas ou culturais, ou outras (Correia, 2003), são abrangidos por este conceito que reforça a necessidade de se criarem condições que permitam a inclusão destes indivíduos num processo de aprendizagem acessível e universal.

Esta educação inclusiva pretende defender o direito de todos os alunos desenvolverem e concretizarem as suas potencialidades, bem como de apropriarem as competências que lhes permitam exercer o seu direito de cidadania, através de uma educação de qualidade, que foi talhada tendo em conta as suas necessidades, interesses e características (Freire, 2008).

Apesar do número variado de NEE, iremos abordar aqui as de maior expressão no contexto do Instituto Politécnico de Leiria. Para cada NEE apresentaremos as suas principais características, condicionalismos e estratégias de intervenção.

5.1. DEFICIÊNCIA MÚSCULO-ESQUELÉTICA

Segundo a OMS (1980) as deficiências músculo-esqueléticas incluem as alterações mecânicas e funcionais da face, cabeça, pescoço, tronco e membros, assim como os défices destes últimos.

Tipos e graus de deficiência

- Paralisia espástica de mais de um membro (hemiplegia, paraplegia e tetraplegia);
- Alterações motoras com repercussão na articulação e ritmo da linguagem;
- Dificuldades específicas em manter o equilíbrio;
- Descoordenação motora de uma ou várias partes do corpo, etc.

É vulgar associar a deficiência motora ao uso de cadeira de rodas, embora muitas outras ajudas técnicas possam ser necessárias para facilitar a mobilidade, como sejam as canas, bengalas, próteses, etc.

As principais dificuldades com que estas pessoas se confrontam são a/as:

- Barreiras arquitetónicas;
- Dificuldade em transportar e/ou manusear equipamentos técnicos e/ou objetos e volumes;
- Dificuldade em utilizar transportes públicos;
- Incapacidade ou dificuldade em realizar as atividades de vida diária de forma autónoma e independente;
- Dificuldade em aceder a casas de banho, telefones públicos, elevadores, locais de lazer, restaurantes, lojas, centros comerciais, locais, culturais, etc.;
- Dificuldade em aceder à informação exposta em *placards*, aos balcões de atendimento dos serviços, às caixas multibanco, entre outras.

Neste sentido, o IPLeiria tem procurado eliminar barreiras arquitetónicas, sendo que a maior parte dos edifícios pedagógicos, cantinas e bares se encontram adaptados para receber estudantes com NEE, dispondo de ascensores com comandos dotados de informação em *braille*, instalações sanitárias adaptadas e lugares de estacionamento para pessoas com mobilidade reduzida.

Do mesmo modo, os Serviços de Ação Social (SAS) estão preparados para acolher estudantes com este tipo de dificuldades nas suas residências de estudantes (em Leiria, Caldas da Rainha e Peniche).

As bibliotecas do IPLeiria estão equipadas com rampas e/ou ascensores, facilitando o acesso.

5.1.1. PRINCIPAIS DIFICULDADES NA SALA DE AULA

Ainda que as maiores dificuldades sejam ao nível da mobilidade, direta ou indiretamente as deficiências músculo-esqueléticas podem ter repercussões nos processos de aprendizagem (Molla, 2005; Patrício, 2007). Deste modo, poderá ser difícil:

- Realizar uma determinada tarefa no tempo estipulado para a maioria dos colegas;
- Escrever de forma convencional;
- Manusear documentação;

- Participar em aulas práticas que impliquem alguma mobilidade específica;
- Manter elevados níveis de concentração nas aulas (devido ao cansaço decorrente de posturas rígidas);
- Tirar apontamentos ao ritmo da aula.

5.1.2. O QUE FAZER?

- Sempre que seja necessário, **garantir o acompanhamento por uma segunda pessoa**. Neste caso, a comunicação deve estabelecer-se com o estudante e não com a pessoa que o acompanha;
- Disponibilizar o **acesso aos parques** de estacionamento existentes em todos os *campi* do IPEiria;
- **Adaptar o meio físico** de forma a torná-lo acessível (por ex. aqueles que necessitem de usar cadeira de rodas devem ter mesas adaptadas, habitualmente mais altas do que a dos colegas);
- **Considerar o estudante na turma quando da marcação de salas**, ponderando fatores como a sua proximidade ou facilidade de acesso;
- Quando se conversa com um estudante em cadeira de rodas será melhor **sentarmo-nos ao seu nível**, para que este se possa sentir mais confortável (uma vez que é incómodo conversar com a cabeça levantada);
- Antes de começar a empurrar uma cadeira de rodas, **pergunte ao estudante se necessita de apoio**;
- Sempre que conduzir uma cadeira de rodas deve **avançar com prudência**, pois a pessoa poder-se-á sentir incomodada, se magoar outras pessoas com a cadeira.
- O estudante deverá ocupar um lugar relativamente **próximo do professor**;
- **Evite antecipar** as respostas do estudante ou responder por ele. Respeite o ritmo de expressão individual;
- Faculte **antecipadamente apontamentos** e/ou informação bibliográfica, facilitando assim a redação/síntese da aula;
- Permita que o estudante complete as tarefas, **se necessário facultando tempo adicional**.
- Permita que possam recorrer a pessoas externas, que tomem notas por eles e que, em situação de exame possam responder por eles; nestas situações devem ficar em espaços separados e com vigilância própria.

Em síntese, deve promover-se o máximo de independência no âmbito das capacidades e limitações do estudante com deficiências músculo-esqueléticas, mas atendendo às necessidades inerentes a cada caso.

Sítios de interesse

- Instituto Nacional de Reabilitação - <http://www.inr.pt>
- Associação Portuguesa de Deficientes - <http://www.apd.org.pt/>
- Guia de Acessibilidade em Portugal - <http://www.portugalaccessivel.com/>
- Associação Salvador - <http://www.associacaosalvador.com/>

5.2. DEFICIÊNCIA VISUAL

A Deficiência Visual é um dano do Sistema Visual parcial ou global podendo variar quanto às suas causas (traumatismo, doença, malformação, deficiente nutrição) e/ou natureza (congénita, adquirida ou hereditária), traduzindo-se numa redução ou numa perda de capacidade para realizar tarefas visuais (ler, reconhecer rostos) (Pereira, 2008).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a deficiência visual engloba duas grandes categorias: a Cegueira e a Ambliopia. Neste sentido, podemos considerar uma pessoa cega como sendo aquela que não possui potencial visual mas que pode, por vezes, ter uma perceção da luminosidade. A ambliopia, também conhecida por baixa-visão, significa uma reduzida capacidade visual - qualquer que seja a origem - e que não melhora através de correção ótica.

5.2.1. O QUE FAZER?

5.2.1.1. ESTRATÉGIAS DE ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA SALA DE AULA

- Ler em voz alta enquanto escreve no quadro;
- Proporcionar informações verbais que permitam ao estudante aperceber-se dos acontecimentos ocorridos na sala de aula;
- Alertar o estudante sempre que ocorram mudanças na disposição da sala de aula;
- Escrever com uma cor que contraste com a cor do quadro (ex.: branco/preto);
- Sempre que possível evitar os reflexos da luz no quadro e na superfície de trabalho (fechando as cortinas ou usando *posters* que tapem as janelas);
- Evitar posicionar-se em frente da janela;
- Não posicionar o estudante de frente para uma fonte de luz (natural ou artificial);

- Colocar o estudante no lugar na sala de aula que lhe proporciona um melhor campo de visão e permitir que mude de lugar, consoante as tarefas em causa e as ajudas óticas e/ou técnicas que utiliza;
- Permitir que o estudante faça uma pausa sempre que apresente sinais de fadiga, tais como olhos lacrimejantes, vermelhos ou dores de cabeça;
- Sempre que possível alternar as tarefas que exigem maior esforço visual com tarefas não visuais;
- Dar algum tempo para que o estudante se adapte às mudanças de intensidade de luz, por exemplo quando vem do exterior;
- Assegurar-se se o estudante necessita de iluminação adicional (candeeiro de tarefas) e se as condições de iluminação são as adequadas (intensidade, tipo e direcionalidade da fonte de luz);
- Conferir ao estudante o tempo necessário para que possa realizar tarefas que exijam maior esforço visual, como a leitura;
- Permitir a utilização de portáteis com auscultadores, pois torna o registo de apontamentos mais eficiente.
- Fornecer formatos alternativos (*braille* ou formato digital acessível) do material impresso necessário para a aula.
- Evitar quaisquer considerações sentimentais sobre a cegueira ou referências a ela como um tormento;
- Evitar verbalizações de espanto quando algum cego executa tarefas diárias usuais.

5.2.1.2. DICAS PARA ADAPTAR OS MATERIAIS DE TRABALHO

É importante que possa perceber, junto do estudante, qual a estratégia mais funcional para adaptar os materiais de estudo. Frequentemente os estudantes que chegam ao ensino superior estão já habituados a um conjunto de estratégias que passam pela preferência de um determinado leitor de ecrã, utilização exclusiva de *braille*, entre outras.

De qualquer modo, e para que os seus documentos cumpram as regras gerais da acessibilidade, sugerimos que consulte o ponto relativo a este tópico neste Manual.

Para além disso, será importante conhecer os recursos disponíveis no Centro de Recursos para a Inclusão Digital - CRID (sedeado na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais), onde é possível imprimir documentos em *braille* e imagens/gráficos com relevo (Sousa, 2009)

No início do ano letivo pode ser importante também algum apoio em termos de orientação e mobilidade, tendo como finalidade ajudar o estudante cego e/ou com baixa visão a construir o mapa cognitivo do espaço da instituição que o rodeia e a deslocar-se nesse espaço. Deste modo, a pergunta «Quer ajuda?» nunca é incorreta. Pelo contrário, qualquer cego ou amblíope ficará confuso e descontente se o pegarem pelo braço, puxando-o, sem uma palavra.

Sítios de interesse

- ACAPO - <http://www.acapo.pt>
- BAES: Biblioteca Aberta do Ensino Superior - <http://baes.up.pt>
- European Union of the Blind - <http://www.euroblind.org/>
- Sobre a Deficiência Visual - <http://deficienciavisual.com.sapo.pt/index.html>

5.3. DEFICIÊNCIA AUDITIVA

A deficiência auditiva consiste na perda parcial ou total da capacidade de ouvir. É considerado surdo todo o indivíduo cuja audição não é funcional no dia-a-dia; é considerado parcialmente surdo aquele cuja capacidade de ouvir, ainda que deficiente, é funcional com ou sem prótese auditiva (Neves, 2007; Bispo, Clara & Clara, 2009; Paul, Trezek & Wang, 2009; Francisco & Neves, 2010)

Tipos de deficiência auditiva:

- Deficiência Auditiva Condutiva
- Deficiência Auditiva Sensório-Neural
- Deficiência Auditiva Mista
- Deficiência Auditiva Central / Disfunção Auditiva Central / Surdez Central / Deficiência Auditiva Condutiva

Classificação das deficiências auditivas	Limiar da audição	Grau de surdez
audição normal		Normal
suave		Leve
leve	0 a 15 db	
moderada	16 a 25 db	Média
moderadamente severa	26 a 40 db	
severa	41 a 55 db	Severa
profunda	56 a 70 db 71 a 90 db acima de 91 db	Profunda 1.º grau (90 db) 2.º grau (90 a 100 db) 3.º grau (>100 db)

5.3.1. O QUE FAZER?

- Fale de **forma clara e com um ritmo pausado** mas natural.
- **Vire-se para a pessoa** ao dirigir-se a ela.
- **Nunca fale enquanto está de costas** para o estudante.
- Coloque-se num local e posição em que o seu rosto esteja **à vista e bem iluminado**.
- **Não se coloque à frente de uma fonte de luz**. Isto fará com que a sua silhueta fique escurida e se percam detalhes do rosto e dos lábios.
- Se lhe for pedido que fale mais alto, **não grite**. Tal será irritante para quem ouve, irá distorcer o som e alterar a configuração labial.
- O gesto é tudo – **use as mãos e o corpo** para comunicar.
- Invista na memória visual da pessoa s/Surda, complementando a sua exposição oral com imagens, gráficos, esquemas, formas, cores, etc
- Dê **tempo extra** ao estudante s/Surdo para processar a informação (particularmente ao tratar conceitos novos ou importantes).
- **Dirija-se sempre à pessoa s/Surda** e não ao intérprete. Nunca se dirija ao intérprete dizendo “pergunte-lhe” ou “peça-lhe”...
- Não assuma que o estudante s/Surdo está a acompanhar e a compreender tudo. Verifique de vez em quando, fazendo-lhe perguntas diretas sobre o assunto em causa.
- Opte por colocar questões cuja resposta revele a compreensão efetiva da mensagem.

5.3.1.1. SE O ESTUDANTE NÃO O ENTENDAR:

- **Repita** o que disse mas usando outras palavras.
- **Não fale mais alto.** Tal não ajudará o estudante a ouvi-lo melhor, apenas tornará mais difícil uma possível leitura labial.
- **Vá dando pistas** sobre o contexto dos assuntos de que está a falar.
- Se sentir que a comunicação não flui, **auxilie-se da escrita.**

5.3.1.2. AULAS

- Forneça antecipadamente **cópias da lição/apresentação.** Tal permitirá que o estudante se familiarize com a estrutura, matéria e vocabulário da sessão.
- No início da aula **apresente a estrutura a seguir** (ex. tópicos no quadro). Retome-a ao longo da aula para ajudar o estudante a seguir os assuntos de forma lógica.
- Registe todas as informações importantes no **quadro.**
- Escrever qualquer aviso que queira dar (ex. horários de atendimento, data de testes, alterações de horários/salas).
- Forneça um **glossário** do vocabulário específico/técnico novo ou escreva os termos novos no quadro. Torna-se impossível fazer leitura labial de palavras desconhecidas.
- **Evite deambular** pela sala enquanto fala. O estudante poderá precisar de ler os seus lábios, tarefa impossível se não puder ver a sua cara de frente.
- Estudantes s/Surdos não conseguem ler e ouvir em simultâneo.
- Se o estudante precisar de se concentrar em materiais escritos ou em processos mecânicos, **dê-lhe tempo.**
- Só volte a falar quando ele estiver de novo a olhar para si.
- Linguagem metafórica, frases idiomáticas e piadas podem ser confusas para as pessoas s/Surdas, particularmente se não pertencerem ao contexto do assunto de que se fala. Evite usá-las e caso o faça, explicito o seu significado objetivo.
- Apresente material audiovisual com **legendas.**
- Caso não tenha o material audiovisual legendado forneça ao estudante um resumo escrito do assunto antes da apresentação. Caso seja possível, faculte o material ao estudante para que este possa visualizar o material com alguém que o ajude a descodificar as mensagens. Discuta com o estudante qual a solução mais útil.
- Utilize as **novas tecnologias:** o computador e a internet são grandes aliados.
- A ajuda de profissionais/colegas para tirar apontamentos ou interpretar a aula pode im-

plicar algumas interferências no normal funcionamento da aula. No entanto, podem ser uma ajuda inestimável para o estudante s/Surdo.

5.3.1.3. TRABALHO DE GRUPO

- O tamanho ideal de um grupo que tenha uma pessoa s/Surda é de 6 a 10 pessoas.
- Certifique-se de que há boa iluminação no espaço de trabalho e organize o grupo em semicírculo para que todos se vejam bem e a pessoa s/Surda possa fazer leitura labial.
- Garanta que a sessão é bem moderada. Peça a todos os estudantes que indiquem (ex. levantando a mão) quando quiserem participar na conversa de maneira a que o estudante s/Surdo possa saber antecipadamente quem vai falar.
- Utilize materiais visuais de apoio com os principais assuntos/tópicos da discussão (ex. quadro, Powerpoint). Peça a alguém para redigir uma ata/resumo dos assuntos tratados.
- Sempre que possível certifique-se de que o espaço de trabalho tem boa acústica para que haja menos interferência sonora.
- Evite salas perto de zonas interiores/exteriores ruidosas (ex. campo de jogos, refeitório, entradas/saídas).
- Estimule a interação. O estudante s/Surdo tem algo a dizer (de forma oral ou gestual) precisa apenas de mais tempo e que também os outros se adaptem à sua forma de comunicar.

5.3.1.4. AVALIAÇÃO

- Evite utilizar frases longas e complexas. Divida a frase em vários períodos simples.
- Evite fazer rodeios ou criar encheimentos. Certifique-se de que a questão é colocada de forma concisa e clara. Evite juntar questões múltiplas numa mesma pergunta.
- Escreva a frase na ordem em que a atividade terá de ocorrer.
- Se possível, enumere as diferentes questões a serem abordadas numa resposta longa/livre.
- Estimule a criação/utilização de esquemas concetuais para organizar respostas de desenvolvimento.
- Indique de forma clara a extensão da resposta que se pretende.
- Evite utilizar estratégias de pergunta a completar por escolha múltipla. Exige que se mantenha a primeira parte na memória para completar a ideia. Esta é uma tarefa muito difícil para a pessoa s/Surda que tem uma memória curta pouco desenvolvida.
- É natural que o estudante s/Surdo precise de mais tempo para resolver de forma satisfatória o seu teste.

5.3.2. INTÉRPRETES DE LÍNGUA GESTUAL

- O intérprete de Língua Gestual Portuguesa (LGP) “traduz” da língua oral portuguesa para a LGP e vice-versa. A LGP é uma língua de pleno direito com uma gramática e estrutura próprias.
- Na presença de um intérprete dirige-se ao estudante e não ao intérprete. O intérprete começará a interpretar de seguida.
- O papel do intérprete é apenas facilitar a comunicação, não é participar. É da responsabilidade do estudante (e não do intérprete) pedir clarificação caso não entenda o professor.
- Da mesma forma, é ao estudante que deve perguntar se o entendeu e nunca ao intérprete.
- Fale ao ritmo habitual. O intérprete pedirá que abrande, pare ou repita, caso seja necessário.
- Tente estruturar a sua sessão de forma a ter uma pequena pausa a meio. A interpretação gestual é muito exigente e os intérpretes precisarão de uma pausa após 30 minutos, se estiverem a trabalhar de forma contínua. No caso de seminários longos é aconselhável que trabalhem em equipas de dois.
- Para interpretar eficazmente é essencial que o intérprete compreenda as matérias em causa. O intérprete precisará de preparar a sessão de trabalho e deverá receber antecipadamente glossários, apontamentos, apresentações e outros materiais considerados relevantes.

Sítios de interesse

- Aprendendo com gestos - <http://www.spreadthesign.com/pt/>
- Federação Portuguesa das Associações de Surdos - <http://fpasurdos.pt/>
- Portal do Cidadão Surdo - <http://www.portaldocidadaosurdo.com/>
- W3C World Wide Web Consortium - <http://www.w3.org/>
- UMIC - Programa Acesso da UMIC - <http://www.unic.pt>
- WebAim - Web accessibility in mind - <http://webaim.org/resources/>

5.4. PROBLEMAS APRENDIZAGEM - DISLEXIA

“A dislexia é uma dificuldade de aprendizagem específica de base neurológica, que implica: dificuldades no correto e/ou fluente reconhecimento de palavras e/ou pobres capacidades de descodificação e problemas na ortografia; défice na componente fonológica; dificuldades inesperadas relativamente a outras competências cognitivas e a um ambiente escolar favorável; problemas na compreensão da leitura e reduzida experiência de leitura (...).”(Associação Internacional de Dislexia, 2002).

Trata-se de uma dificuldade relacionada com alterações neurológicas, sendo muitas vezes confundida com desinteresse, desmotivação, falta de inteligência, etc.

As capacidades de disléxicos incluem (Reid, 2011):

- Boas competências visuais e visualização tridimensional;
- Excelente expressão verbal;
- Boas capacidades em jogos de equipas;
- Boa compreensão da linguagem.

No contexto do ensino superior a dislexia é a necessidade educativa especial mais frequente, exigindo das instituições uma atenção particular para esta dificuldade específica (Heiman & Precel, 2003; Mortimore & Crozier, 2006). O disléxico consegue atingir os mesmos resultados que os outros estudantes, mas terá de recorrer a metodologias diferenciadas, que compensem as suas dificuldades.

As dificuldades apresentadas de seguida podem não se manifestar em todas as pessoas com dislexia. No entanto, serão algumas das dificuldades a ter em conta quando se procura identificar um quadro de dislexia. Quando chegam à idade adulta e/ou ao ensino superior, todos aqueles que apresentem dislexia, já terão desenvolvido as suas estratégias (mais ou menos adaptativas) para lidar com esta condição.

No geral, os estudantes disléxicos apresentam:

- Reduzida velocidade de leitura;
- Má soletração fonética;
- Pobreza na ortografia;
- Dificuldades na numeracia;
- Maiores dificuldades na aquisição de competências de estudo;
- Dificuldade em tirar apontamentos, escrever trabalhos, fazer revisões para momentos de avaliação ou compreender grandes quantidades de texto complexo;
- Baixa autoconfiança e autoestima;
- Elevados níveis de frustração que condicionam o desempenho escolar;
- Maiores níveis de ansiedade;
- Sentimentos de incompetência académica e escrita.
- Dificuldades na organização;
- Dificuldade em seguir instruções;

- Dificuldade na orientação espacial – esquerda/direita; cima/baixo;
- Dificuldade de concentração.

Quando comparados com colegas sem dislexia, os estudantes disléxicos apresentam maiores dificuldades na velocidade de leitura, na tomada de notas, na organização dos trabalhos e na expressão de ideias por escrito (Mortimore & Ray Crozier, 2006; Jamieson & Morgan, 2008). No geral, estes estudantes baseiam o seu estudo mais na memorização do que na tomada de apontamentos.

De seguida apresentaremos dificuldades específicas para cada área das competências relacionadas com a linguagem e respetivas estratégias de intervenção.

5.4.1. ESCRITA

5.4.1.1. DIFICULDADES

- Letra de difícil compreensão
- Falta de coerência na apresentação das ideias.
- Uso pobre da pontuação.
- Uso incorreto de formas verbais.
- Uso limitado do léxico verbal.
- Soletração bizarra de palavras comuns.
- Troca de letras (b por d ou p por q).
- Confusão com letras com o mesmo som (s por z)
- Incapacidade para ver erros, mesmo em programas com correção de texto.

5.4.1.2. ESTRATÉGIAS

- Será importante que se dê *feedback* seletivo e positivo sobre o tipo de erros cometidos;
- Deverá ser **valorizado o conteúdo em detrimento da forma**, sendo que o estudante não deve ser penalizado na classificação final (exceto se se tratar de uma competência básica da UC);
- São **evitáveis comentários depreciativos** acerca das competências de escrita dos estudantes disléxicos (a maior parte tem consciência das suas dificuldades e sentem-se frustrados quando recebem *feedbacks* pouco construtivos);
- **Evite correções com caneta vermelha**, por estar fortemente associada a experiências negativas durante a escolaridade básica e secundária.

5.4.2. LEITURA

5.4.2.1. DIFICULDADES

- Dificuldade em reconhecer e relembrar sons de palavras
- Substituição das palavras por outras semelhantes quando lê alto (confusão semântica).
- Incapacidade em ler “na diagonal” um texto.
- Velocidade de leitura reduzida.
- Dificuldade com a sequência do alfabeto.

5.4.2.2. ESTRATÉGIAS

- Poderá ser útil **ajudar o estudante a selecionar livros** e textos centrais da bibliografia;
- Sempre que forem apresentados conceitos técnicos e específicos poderá ser importante a redação de um **glossário**;
- O suporte na “leitura estratégica” poderá ser também muito útil, apoiando os estudantes a aprenderem a selecionar informação e a **definirem objetivos para a leitura**;
- Deve **evitar-se pedir ao estudante para ler em voz alta**.

5.4.3. TIRAR APONTAMENTOS NAS AULAS

- Sempre que possível o docente poderá **disponibilizar os apontamentos** / apresentações / sebentas antecipadamente.
- Tal facilitará a tomada de apontamentos. Caso não seja possível, poderá ser útil fazer-se um pequeno **resumo** do que se irá tratar durante a aula.
- As apresentações em Powerpoint deverão ter um espaçamento de pelo menos 1,5 cm e cada diapositivo deverá conter **informação clara e concisa**.
- O IPLeiria permite que os estudantes possam fazer uma gravação áudio das aulas apenas para uso pessoal e como forma de suporte para a realização de apontamentos. Neste caso, os estudantes deverão pedir permissão para a realização da gravação.

5.4.4. OUTRAS ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

Poderão ser consideradas ainda as seguintes possibilidades de intervenção, perspetivadas na literatura como ajustamentos razoáveis (*reasonable adjustments*):

- O estudante poderá usufruir de tempo extra na realização dos exames;
- Poderá ser benéfico que o docente que vigia os momentos de avaliação escrita leia as perguntas em voz alta;
- Poderá ser essencial que o estudante tenha apoio por parte de um professor tutor que trabalhe especificamente as suas dificuldades na leitura e escrita;
- Poderá ser necessário que o estudante necessite de tempo adicional de empréstimo de livros da biblioteca;
- Alguns estudantes poderão beneficiar com a utilização de um computador durante o exame e, conseqüentemente, poderá ser necessária a utilização de *software* específico;
- Poderão ser acordadas datas limite de entrega flexíveis (dependendo da situação);
- Permitir ou negociar pequenas adaptações nas tarefas académicas, por exemplo, permitindo que a apresentação do trabalho seja realizada em vídeo (substituindo a versão escrita).

A dislexia poderá ter conseqüências na progressão, realização e conclusão do ensino superior, mas não é incompatível com um elevado nível de sucesso, desde que suportada por uma intervenção ajustada.

Sítios de interesse

- The International Dyslexia - <http://www.interdys.org>
- Dyslexia International - <http://www.ditt-online.org>
- Dislexia em português - <http://www.fpce.up.pt/dislexiaemporugues>
- Associação Portuguesa de Dislexia – Dislex - <http://www.dislex.net/>

5.5. SÍNDROME DE ASPERGER

A APSA - Associação Portuguesa de Síndrome de Asperger, na sua página em <http://www.apsa.org.pt/>, apresenta a seguinte definição: *a Síndrome de Asperger é uma perturbação neurocomportamental de base genética, pode ser definida como uma perturbação do desenvolvimento que se manifesta por alterações sobretudo na interação social na comunicação e no*

comportamento. Embora seja uma disfunção com origem num funcionamento cerebral particular, não existe marcador biológico, pelo que o diagnóstico se baseia num conjunto de critérios comportamentais.

Sintomas que algumas pessoas com Asperger podem apresentar:

- Dificuldade na comunicação;
- Dificuldade no relacionamento social;
- Dificuldade no pensamento abstrato;
- Interesses limitados;
- Comportamentos rotineiros;
- Peculiaridade do discurso e da linguagem;
- Perturbação na comunicação não verbal;
- Descoordenação motora.

O estudante com Asperger pode ter um vocabulário sofisticado e falar incessantemente sobre o seu assunto favorito, tendo dificuldade em mudar para um outro tema de conversa. Pode ter dificuldade com as regras da conversação, desconhecendo algumas das regras implícitas no contacto social. Pode interromper ou falar em sobreposição, fazer comentários irrelevantes, tendo muita dificuldade em iniciar e terminar as conversas.

O seu discurso é normalmente monótono, não aplicando corretamente a prosódia. Também a sua postura física e a interpretação que faz do discurso verbal do outro é, frequentemente, inadequada (Attwood, 1998)

É necessário ter alguma atenção em relação ao estudante com Asperger, que pode apresentar algumas das seguintes características:

- Surtos de raiva (física ou verbalmente)
- Agitação motora
- Aumento de atividades obsessivas ou repetitivas
- Apatia ou inatividade
- Comportamento ou ideias bizarras
- Maior dificuldade em deslocar-se
- Isolamento

5.5.1. O QUE FAZER?

- Manter sessões de tutorado de forma regular.
- Promover a participação do estudante com Asperger em oficinas, formações ou aconselhamento, que promovam competências de estudo, desenvolvimento pessoal ou orientação profissional.
- Permitir que se sente em lugares adequados numa sala ou anfiteatro.
- Dar mais tempo para tirar apontamentos e notas sobre a matéria.
- Explicar qual a melhor altura para colocar questões, corrigindo a postura, sem se mostrar à defesa ou crítico em relação à atitude do estudante.
- Recorrer a uma comunicação clara e objectiva.
- Expor concretamente os objetivos, procedimentos e prazos relacionados com as atividades curriculares.
- Indicar explicitamente quem são as pessoas com quem deve contactar.
- Indicar detalhadamente a matéria a ser estudada.
- Se o estudante estiver muito ansioso, tentar distraí-lo com outros temas ou informá-lo sobre o que se está a passar ou vai passar.
- Pode ser necessário recorrer a formas alternativas de apresentação de trabalhos se o estudante não for capaz de fazer apresentações orais
- Avisar antecipadamente sobre quaisquer alterações na Unidade Curricular.
- Em situações de agitação ou de agressividade, não responder agressivamente e esperar ou tentar acalmar o estudante.
- Nos casos em que não é possível chegar a consenso com o estudante sobre a necessidade de modificar o seu comportamento, pode ser útil obter apenas a concordância do estudante em não repetir o comportamento indevido.
- Não optar por uma atitude de confronto. Manter a calma e a segurança é essencial para manter o estudante também calmo e seguro.
- Evitar, o mais possível, ser condescendente ou protetor, ou manter uma relação demasiado próxima e paternal com o estudante.

Sítios de interesse

- Associação Portuguesa de Síndrome de Asperger - <http://www.apsa.org.pt/sa.php>
- The National Autistic Society (UK) - <http://www.autism.org.uk/>

5.5.2. COMO LIDAR COM CRISES

Em caso de crise do estudante tentar seguir os seguintes passos:

1. Procurar a segurança

- a. Ter a certeza que a pessoa está segura e não se pode aleijar ou causar danos a outros
- b. Não permitir que se deite num ponto de saída
- c. Não prender a pessoa, deixando-a ter a possibilidade de sair
- d. Não perseguir o estudante, caso este saia, e segui-lo à distância

2. Acalmar

- a. É essencial manter a calma, para que o estudante se sinta calmo
- b. Ter consciência que a crise irá passar, mais tarde ou mais cedo.

3. Procurar o silêncio

- a. Falar apenas o indispensável.
- b. Não questionar estudante.
- c. Caso fale, mantenha um tom de voz calmo e neutral.

4. Diminuir a intensidade

- a. Aceitar a crise e dar tempo à pessoa para recuperar.
- b. Não olhar para o relógio nem apressá-la.

5. Restabelecer o autocontrolo da pessoa

- a. Assim que a crise passar, dar oportunidade à pessoa para explicar o que aconteceu, sem a pressionar.
- b. Dar-lhe espaço para respirar e descansar.

Sítios de interesse

- Associação Portuguesa de Síndrome de Asperger - <http://www.apsa.org.pt/sa.php>
- The National Autistic Society (UK) - <http://www.autism.org.uk/>

5.6. PROBLEMAS DE SAÚDE MENTAL

As Necessidades Educativas Especiais podem ser de caráter transitório ou permanente, tendo sido estas analisadas até agora. De seguida, analisaremos algumas necessidades especiais não permanentes que possam não estar abrangidas pelo estatuto de NEE.

Dados recentes apontam para um valor superior a 20% de estudantes do Ensino Superior que apresentam problemas de saúde mental que podem interferir com o seu percurso académico.

Cada perturbação mental é concetualizada como um comportamento significativo ou síndrome psicológico ou padrão que ocorre num indivíduo e que está associado a mal estar atual (sintoma doloroso) ou incapacidade (numa ou mais áreas importantes do funcionamento) ou a um risco acrescido de morte, sofrimento, incapacidade ou a uma importante perda de liberdade. Além disto, este síndrome ou padrão não pode ser meramente uma resposta esperada e culturalmente sancionada face a um evento particular, como por exemplo, a morte de alguém amado. Qualquer que seja a causa original, deve ser considerado uma manifestação de uma disfunção comportamental, psicológica ou biológica no indivíduo. Nem o comportamento desviante (e.g., político, religioso ou sexual), nem os conflitos que ocorrem entre o indivíduo e a sociedade são perturbações mentais, a não ser que a desviância ou o conflito sejam um sintoma de uma disfunção no indivíduo, como descrito acima (APA, 2002)

Os problemas de saúde mental poderão implicar perturbações do pensamento, da estabilidade emocional e/ou do comportamento. Estas perturbações são causadas por interações complexas entre diversas variáveis sociais, psicológicas, culturais, físicas e biológicas.

Assim, pessoas com perturbações mentais podem apresentar limitações na sua capacidade de gerir o seu dia-a-dia, de forma autónoma e eficaz.

Existem perturbações que são de carácter permanente e outras de natureza mais transitória. Para a atribuição do estatuto de estudante com NEE, é importante definir adequadamente a perturbação e as suas consequências, já que nem todas as perturbações de saúde mental podem ser consideradas necessidades especiais.

Os critérios utilizados para definir as perturbações que poderão dar direito a este estatuto são:

- A gravidade das consequências na:
 - autonomia da pessoa
 - sua capacidade de aprendizagem
- A duração das consequências no dia-a-dia da pessoa.

O IPEiria integra um conjunto de Serviços que, em articulação com as Direções das Escolas, podem ajudar a decidir sobre a atribuição do estatuto de estudante com NEE e as medidas a serem aplicadas.

As perturbações mais comuns registadas nos estudantes do IPEiria, identificadas em situação de consulta no Serviço de Apoio ao Estudante, são a depressão, a ansiedade e os problemas de adaptação (Filipe, Seco, Pereira e Alves, 2012; Pereira, Seco, Filipe e Alves, 2010).

5.6.1. DOCUMENTAÇÃO

Toda a documentação apresentada deve ser tratada com a confidencialidade, ética e cuidados necessários.

O estudante que pretenda requerer o estatuto de NEE, com base numa perturbação de saúde mental, deve apresentar um relatório/declaração contendo informação sobre o diagnóstico, com base na DSM-IV-TR ou CIF (CID-10), realizado por um profissional competente para o efeito; deve incluir algumas sugestões de apoios a prestar pelo IPEiria, de forma a minimizar o impacto da perturbação na sua avaliação e percurso académico, tendo como objetivo final o seu sucesso e bem-estar em geral.

5.6.2. GERIR PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO

Deixamos algumas sugestões gerais, sobre como lidar com um estudante com perturbação do comportamento, que poderão ser úteis em diversas situações (Doghonadze, 2012; Estanqueiro, 2010; Royer, 2005; Wankat & Oreovicz, 2013).

- Criar um ambiente estruturado, com regras bem definidas e claras, apresentando as possíveis consequências da quebra das regras. O estudante deve exprimir, claramente, a sua concordância com as regras e consequências definidas.
- Sempre que for necessário alterar alguma regra ou incluir uma nova, apresentá-la ao estudante e, eventualmente, negociar a sua aplicação.
- Manter a aplicação justa das regras para todos os estudantes. Se facilitar a um estudante, é necessário alterar essa regra para todos.
- Envolver este estudante durante a aula em atividades como entregar folhas, recolher material, etc.
- O comportamento do docente pode ser o exemplo que o estudante irá seguir. Se o docente é o primeiro a não seguir determinada regra, o estudante tenderá a imitá-lo.
- Basear a comunicação com o estudante, quando lhe der alguma instrução, numa intervenção breve, precisa, sem verbalizações suplementares desnecessárias e seguida de um

tempo razoável para que este possa cumprir a instrução.

- Não entrar em discussão com o estudante, evitando a escalada de tensão.
- Quando necessário explicar, em primeiro lugar, rapidamente e de forma precisa, qual o comportamento desadequado.
- Explicar, em segundo lugar, porque é desadequado.
- Em terceiro lugar, dar ao estudante duas opções, apresentando a opção com consequência positiva em primeiro lugar.
- É importante dar ao estudante tempo suficiente para que este tome a sua decisão.
- Por fim, aplicar as consequências da decisão do estudante, de forma decidida mas não autoritária ou repressiva.
- Incentivar a autonomia do estudante.
- Providenciar mudanças no tipo de atividades, de forma que o estudante possa mudar o foco da sua atenção e, assim, relaxar um pouco.
- Podem ser necessárias algumas conversas a sós com o estudante para delimitar os comportamentos aceitáveis e inaceitáveis.
- Muitas vezes, para acalmar o estudante, basta dar-lhe tempo para desabafar e relaxar e, depois, recomeçar uma conversa mais calma.
- Em função da gravidade da situação, referenciar o sucedido à Coordenação de Curso e Direção da Escola, principalmente se existir violência física ou verbal para com o docente ou colegas.
- O contacto com a família pode ser muito importante.

No IPLeiria pode procurar o SAPE para apoio ou para esclarecimento de dúvidas. Aconselhamos que tenha em consideração os seguintes procedimentos:

Comportamento do estudante	Atitude a tomar pelo docente
É violento, tanto física como psicologicamente, com os seus colegas?	Avisar o estudante que o comportamento é desadequado. Elaborar um registo escrito do acontecimento e enviar para o Coordenador de Curso e Direção da Escola.
Está sempre a desculpar-se sobre a dificuldade em mostrar trabalho?	Relembrar que as regras estão definidas e que devem ser cumpridas. Pode ser compreensivo mas não abra muitas exceções; caso contrário estará a criar problemas junto dos outros estudantes.
Não respeita o docente?	Evitar confrontos verbais ou físicos. Não levantar a voz nem entrar em discussão com o estudante. Parar a aula, fazer um intervalo e deixar toda a gente respirar fundo. Se for um comportamento grave, tomar nota e enviar uma informação escrita para o Coordenador e Direção.
Apresenta um comportamento estranho, com alterações no tom de voz, agitação psicomotora ou outras alterações?	Não tente resolver. Se estiver muito alterado chame o II2. Caso contrário faça o estudante sair, acompanhado, e informe o Coordenador de Curso e Direção da Escola.
Pede o contacto pessoal do docente ou procura ser especial aos olhos do docente?	Não se esqueça que é docente de todos os estudantes. Não trate nenhum de forma especial, pois assim estará a reforçar o comportamento desadequado e a perder o respeito dos outros.

6. O PAPEL DO PROFESSOR-TUTOR

A relação de tutoria constitui-se como uma relação de apoio e acompanhamento entre um docente e um estudante (ou um pequeno grupo de estudantes), desenvolvida durante um período de tempo. Visa não só o acompanhamento acadêmico do estudante, mas também o seu desenvolvimento psicossocial e a otimização do seu potencial individual. Enquanto tutor deve tentar responder às necessidades do estudante, mas devolvendo-lhe a responsabilidade de solicitar a ajuda de que necessita e promovendo condições para que o estudante tome as suas decisões.

O sucesso desta relação assenta numa “aliança positiva” entre o tutor e o estudante e depende sobretudo do/a:

- Acordo alcançado entre ambos relativamente aos objetivos, responsabilidades e tarefas do estudante e do tutor;
- Qualidade do laço e relação de confiança estabelecida entre ambos.

É importante que o Professor-Tutor comece por conhecer os pedidos efetuados aquando da entrega do requerimento do estatuto de estudante com NEE relativamente a:

- Direitos especiais;
- Acesso a outras formas e métodos de avaliação;
- Adaptação dos planos de estudo;
- Apoio técnico e material, entre outros.

É igualmente importante conhecer as especificidades da NEE apresentada pelo(s) tutorando(s).

Atendendo a que as medidas de intervenção consideradas mais adequadas e potenciadoras de bem-estar e sucesso académico variam de acordo com a especificidade de cada caso, sublinhamos que este documento deve ser tomado como um conjunto de orientações gerais que deverão ser alteradas e ajustadas de acordo com as exigências do contexto e as características individuais do Tutor e do Tutorando.

6.1. O QUE FAZER? ORIENTAÇÕES GERAIS

- Informe o tutorando sobre a confidencialidade das informações e dados partilhados.
- Defina claramente com o estudante quando e como estará disponível para ele (dias da semana, horas e forma de contacto preferenciais).
- Evite alterações sistemáticas da data e hora acordadas bem como alterações de última hora, sem aviso prévio. A previsibilidade é importante para a relação de confiança.
- Procure reunir com o estudante numa sala onde não sejam fácil e frequentemente interrompidos.
- Procure ter alguns cuidados com o primeiro contacto, uma vez que este pode marcar as primeiras impressões.
- Procure conhecer o percurso e as experiências académicas anteriores do estudante, bem como as estratégias que já utiliza face à sua NEE.
- Ajude o estudante a (re)definir objetivos pessoais, identificar recursos e dificuldades e planear o desenvolvimento de novas competências.
- Procure ouvir atentamente, dando sinais de *feedback* ao estudante, indicando que está a ouvi-lo/percebe-lo.
- Procure fazer um discurso “pela positiva”, elogiando o comportamento do estudante sempre que apropriado.
- Prefira questões abertas, exploratórias (“o que quer dizer com...”, “o que pensa de...”), a questões fechadas, que apelam a uma resposta do tipo “sim” ou “não”.
- Pergunte ao estudante onde é que ele(a) sente mais dificuldade. Se responder “tudo”, coloque questões de forma a atingir uma resposta mais específica, sugerindo que possam consultar trabalhos já realizados pelo estudante.
- Faça intervalos breves durante a sessão.
- Contribua para facilitar a integração do estudante na Escola e no IPLeiria, orientando-o para as iniciativas de acolhimento e integração que decorram no início do ano letivo.
- Mostre-se disponível para o esclarecimento de dúvidas do estudante, nomeadamente no que se refere ao aconselhamento e (re)definição dos planos de estudos, estágios, programas de mobilidade, etc.
- Encoraje o estudante a falar sobre o que sente e se necessário sugira ou encaminhe para serviços especializados como o Serviço de Apoio ao Estudante (SAPE), o Centro de Recursos para a Inclusão Digital (CRID), os Serviços de Ação Social (SAS), entre outros.
- Monitorize o progresso do estudante, devolvendo-lhe *feedback* apropriado para que possa melhorar o seu desempenho;

- Registe regularmente os contactos realizados com o estudante ao longo do semestre.

6.1.1. ATITUDES A EVITAR

Na sua relação com o(s) tutorando(s) procure não:

- Manter uma relação excessivamente informal, pois o estudante apreciará um tutor com quem se sente à vontade, mas que não “abre mão” do seu papel.
- Usar termos vagos, generalistas ou imutáveis (i.e. rótulos) ou com muitas afirmações do tipo “sempre” ou “nunca”.
- Recorrer a uma comunicação vaga e negativa.
- Comentar com outros docentes ou estudantes as informações partilhadas nas reuniões de tutorado.
- Assumir responsabilidade pessoal pela resolução dos problemas do(s) estudante(s);
- Tomar decisões pelo(s) estudante(s).

7. ÉTICA E CONFIDENCIALIDADE

A confidencialidade constitui uma dimensão ética crucial na relação com o estudante, sendo muito importante o respeito pelo outro.

Um estudante com NEE tem direito a decidir se deve/quer, ou não, partilhar a sua dificuldade. Assim, é importante que a decisão do estudante não dar conta da sua NEE seja respeitada pelo docente, quando dela tomar conhecimento.

No IPLeiria, os estudantes do 1º ano são convidados no ato da matrícula a preencher, de forma facultativa e anónima, um questionário identificativo de NEE, deixando opcionalmente os seus contactos caso pretendam vir a ser apoiados pelo SAPE.

Neste processo de tomada de conhecimento da NEE do estudante por parte das Direções, funcionários docentes e não docentes, este deve ser ouvido e incluído nas decisões relativas ao seu futuro. De acordo com a *European Agency for Development in Special Needs Education* (2011), o estudante com NEE deve ser ouvido na(s)/no(s):

- Processo de avaliação e definição de estratégias de intervenção;
- Planeamento da aprendizagem, tendo em conta os fatores pessoais;
- Medidas de apoio destinadas a superar as barreiras à aprendizagem que não o estigmatize ou separe dos seus pares;
- Objetivos de aprendizagem e no que se refere aos resultados relevantes, significativos e personalizados;
- Avaliação dos resultados da aprendizagem, de forma a garantir o sucesso académico e o bem-estar em geral.

8. PRODUZIR DOCUMENTOS ACESSÍVEIS

As diretrizes de acessibilidade *Web Content Accessibility Guidelines* (WCAG) consideram fundamental (Francisco e Sousa, 2011):

- Fornecer indicações de navegação para localizar conteúdos.
- Criar alternativa em texto para conteúdo não textual.
- Facilitar a audição e visualização através do destaque dos elementos principais.

8.1. ELABORAÇÃO DE PÁGINAS NA INTERNET

- Hipertexto e hiperligações com termos claros e únicos.
- Não utilize “clique aqui”, nem coloque na mesma página termos com o mesmo nome (“seguinte”, “ok”, “cancelar”...)
- Utilize vários meios para [destacar, corrigir ou comentar]. Além da cor, utilize parênteses retos [] e pode indicar antes do destaque o motivo do mesmo: (e.g. Comentário; Correção; Atenção;...)
- Utilize tabelas simples. Evite: colunas múltiplas (subdivisão de células), tabelas complexas (tabelas dentro de tabelas) e tabulações (TAB) manuais.
- Anteceda gráficos e tabelas com um sumário (sobre a sua organização – número de colunas e linhas - e um resumo do conteúdo).
- Utilize as funcionalidades de legendagem e descrição de imagens e outros elementos gráficos.

8.2. ELABORAÇÃO DE DOCUMENTOS ESCRITOS

- Largura da página não deve ter mais de 80 caracteres por linha.
- Alinhamento do texto à esquerda.
- Tipo de letra Verdana ou Arial.
- Tamanho de letra Corpo de texto - 11 ou 12;
- Apresentações - 22 ou 24; Títulos e subtítulos – tamanho igual ou superior ao corpo de texto.
- Espaçamento Entre linhas - 1,5; Entre parágrafos – mínimo 1,5 vezes maior do que o espaçamento entre linhas.
- Estilos para organizar a estrutura do conteúdo (capítulos, títulos, subtítulos).
Utilize sempre um estilo de cabeçalho para os títulos.
- Hifenização deve ser evitada.
- Índice é essencial e deve estar na primeira página ou após a capa
- Fundo simples. Não utilize marcas d’água ou imagens de fundo.

- Contraste entre cores do texto e fundo: relação mínima 4.5:1; ideal 7:1.
- Para testar a relação de contraste dos seus conteúdos:
 - Para obter o código da cor que está a utilizar: <http://colorcop.net/download> (descarregue a aplicação para o seu pc);
 - Análise da relação de contraste: <http://www.colorsontheweb.com/colorcontrast.asp>

8.2.1. ESPECIFICAÇÕES PARA FOLHAS DE CÁLCULO - EXCEL

- Faça uma descrição Geral do *layout*, indicando a direção do fluxo do texto (se é de cima para baixo ou da esquerda para a direita).
- Identifique cabeçalhos de linha e coluna.
- Todos os elementos de leitura visual devem estar identificados e ter um equivalente textual (descrição).
- Se recorre à cor para mostrar informação em gráficos, deve garantir o máximo contraste.
- Utilize o Magnifier do Windows ou outra equivalente que tenha a função de inversão de cores.
- Identifique cada folha com um nome significativo e representativo da informação.

8.2.2. ESPECIFICAÇÕES PARA APRESENTAÇÕES - POWER POINT

- Utilize modelos de apresentação padrão e simples.
- Utilize fundo liso e sem colunas.
- Atribua títulos claros e descritivos a todos os slides.
- Evite formas com caixas de texto embutidas.
- Utilize o campo NOTAS para fornecer descrições mais pormenorizadas, ex. de imagens, gráficos, vídeos ou até sobre o conteúdo do diapositivo.
- Pode utilizar animações nos títulos.
- Devem ser evitadas nas transições entre slides ou no seu interior.

8.2.3. ESPECIFICAÇÕES PARA PDF

- Não crie ficheiros PDF a partir da digitalização de uma imagem.
- Certifique-se de que as tabelas, parágrafos e frases não ficam divididas por quebras de página.

9. CONTACTOS DE ALGUNS SERVIÇOS

Serviço de Apoio ao Estudante (SAPE)

ESTG - Edifício B - Campus 2

Morro do Lena – Alto do Vieiro -Apartado 4163

Leiria – Portugal

Tel.: 244 820 300 | **e-mail** - sape@ipleiria.pt

site - www.sape.ipleiria.pt

Mais contactos em: <http://sape.ipleiria.pt/sape/onde-funciona/>

Mais informações em: <http://sape.ipleiria.pt/materiais-e-folhetos/>

Centro de Recursos para a Inclusão Digital (CRID)

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Rua Dr. João Soares - Apartado 4045

2411-901 Leiria - Portugal

Tel.: 244 829 488 | **e-mail** - celia.sousa@ipleiria.pt

site - www.crid.esecs.ipleiria.pt

Serviços de Ação Social (SAS)

Edifício Sede do IPEleiria

Rua General Norton de Matos, Apartado 2829,

2401-901 Leiria - Portugal

Tel.:244.830.640 | **e-mail** - sas@ipleiria.pt

site - <http://www.ipleiria.pt/sas/Paginas/homepagedestaques.aspx>

Mais contactos de Serviços do Instituto Politécnico de Leiria:

www.ipleiria.pt e <http://estudantes.ipleiria.pt/Pages/default.aspx>

9.1. OUTRAS LIGAÇÕES

- **ACAPO** - <http://www.acapo.pt>
- **Accessible Lifelong Learning for Higher Education** - <http://www.eu4all-project.eu/>
- **Aprendendo com gestos** - <http://www.spreadthesign.com/pt/>
- **Associação Portuguesa de Deficientes** - <http://www.apd.org.pt/>
- **Associação Portuguesa de Dislexia – Dislex** - <http://www.dislex.net/>
- **Associação Portuguesa de Síndrome de Asperger** - <http://www.apsa.org.pt/sa.php>
- **Associação Salvador** - <http://www.associacaosalvador.com/>
- **BAES: Biblioteca Aberta do Ensino Superior** - <http://baes.up.pt>
- **Dislexia em português** - <http://www.fpce.up.pt/dislexiaemporugues>
- **Dyslexia International** - <http://www.ditt-online.org>
- **European Union of the Blind** - <http://www.euroblind.org/>
- **Federação Portuguesa das Associações de Surdos** - <http://fpasurdos.pt/>
- **GTAEDES** - <http://aminharadio.com/gtaedes>
- **Guia de Acessibilidade em Portugal** - <http://www.portugalacessivel.com/>
- **iACT** - <http://iact.ipleiria.pt/en>
- **Instituto Droga e Toxicoddependência** - <http://www.idt.pt/PT/Paginas/HomePage.aspx>
- **Instituto Nacional de Reabilitação** - <http://www.inr.pt>
- **IPL (+) INCLUSIVO** - <http://maisinclusivo.ipleiria.pt/>
- **Organização Mundial de Saúde** - http://www.who.int/mental_health/en/
- **Portal da Saúde** - <http://www.portaldasaude.pt/portal>
- **Portal do Cidadão Surdo** - <http://www.portaldocidadaosurdo.com/>
- **Sobre a Deficiência Visual** - <http://deficienciavisual.com.sapo.pt/index.html>
- **SOS Ensino Superior** - <http://www.sos-ensinosuperior.com>
- **The International Dyslexia** - <http://www.interdys.org>
- **The National Autistic Society (UK)** - <http://www.autism.org.uk/>
- **UMIC - Programa Acesso da UMIC** - <http://www.unic.pt>
- **W3C World Wide Web Consortium** - <http://www.w3.org/>
- **WebAim - Web accessibility in mind** - <http://webaim.org/resources/>

10. BIBLIOGRAFIA

Accessibility Guidelines 2.0. Working Draft 11 December 2008 reformatted on 03 March 2009. Retirado de <http://www.w3.org/TR/2009/REC-WCAG20-20090303/>

Associação Internacional de Dislexia. (2007) Definição de Dislexia. Retirado de <http://www.interdys.org/FAQ.htm>

Associação de Psiquiatria Americana APA (2002) DSM-IV-TR (4.ª ed, Texto Revisto), Lisboa: Climepsi

Attwood, T. (1998). *Asperger's syndrome: a guide for parents and professionals*. London: Jessica Kingsley Publishers

Bispo, M., Clara, L., Clara, M.C. & Couto, A. (2009) *O Gesto e a Palavra 2*. Lisboa: Editorial Caminho.

Correia, L. M. (2003). *Inclusão e necessidades educativas especiais. Um guia para educadores e professores*. Porto: Porto Editora.

Doghonadze, N. (2012) Lack of Discipline at University – Is it a Reality for Georgia? *Journal of Education*, 1(2):33-42

Estanqueiro, A. (2010) *Boas práticas na educação – o papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.

European Agency for Development in Special Needs Education (2012). *Special Needs Education Country Data 2012*. Odense, Denmark: European Agency for Development in Special Needs Education.

European Agency for Development in Special Needs Education (2011) *Princípios-chave para a Promoção da Qualidade na Educação Inclusiva – Recomendações para a prática*. Odense, Denmark: European Agency for Development in Special Needs Education

Filipe, L., Seco, G., Pereira, A. P. & Alves, S. (2012). *A Intervenção Psicológica em Contexto de Ensino Superior*. Comunicação apresentada no I Congresso da Ordem dos Psicólogos Portugueses. Centro Cultural de Belém. 19, 20 e 21 de abril de 2012.

Francisco, M. & Neves, J. (2010). Ver com os ouvidos e ouvir com os olhos” - Considerações para uma comunicação inclusiva: a descrição de imagem e som em contextos educativos online”. In Machado, G. (org). *Educação e ciberespaço: estudos, propostas e desafios*. Brasil, Aracaju: Virtus: 164-181

Francisco, M. & Sousa, N. (2011). *Guia para produção de conteúdos digitais acessíveis*. Edição EU4ALL [disponível em <http://www.eu4all-project.eu/>]

Freire, S. (2008). Um olhar sobre a inclusão. *Revista da Educação*. vol. XVI, n.º 1

Gonçalves, I. (Coord). (2011). *Programa de Monitorização e Tutorado: oito anos a promover a integração e o sucesso académico no IST*. Lisboa: IST Press

Harpur, J., Lawlor, M. & Fitzgerald, M. (2004). *Succeeding in college with Asperger syndrome*. London: Jessica Kingsley Publishers

Heiman, T. & Precel, K. (2003). Students with Learning Disabilities in Higher Education: Academic Strategies Profile. *Journal of Learning Disabilities*; 36: 3, 248–258

Jamieson, C. & Morgan, E. (2008). *Managing Dyslexia at University*. Oxon, Routledge.

Lapalu, Y. (2006). *Léo, o Puto Surdo*. Lisboa: Surd’Universo.

Molla, C. (2005). *Docència universitària i necessitats especials*. Fundació Autònoma Solidària. Programa per la Integració dels Universitaris amb Necessitats Especials. Campus UAB: Cerdanyola del Vallès.

Mortimore, T. & Crozier, R. (2006). *Dyslexia and difficulties with study skills in higher education*. *Studies in Higher Education*. 31:2. 235-251

Neves, J. (2007). *Vozes que se Vêem – Guia de Legendagem para Surdos*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria & Universidade de Aveiro. [Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.8/411>].

Patrício, M. (Coord.) (2007). *Como lidar com a diferença em contexto escolar*. Gabinete de Apoio Técnico Pedagógico. Administração da Universidade de Coimbra.

Paul, P. V. , Trezek, B. & Wang, Y. (2009). *Reading and Deafness. Theory, Research and Practice*. New York: Delmar Cengage Learning.

Pereira, A. P., Seco, G., Alves, S. & Filipe, L. (2010). *A consulta de apoio psicológico no Serviço de Apoio ao Estudante do Instituto Politécnico de Leiria*. In: Educação para a saúde, cidadania e desenvolvimento sustentado. Covilhã: Universidade da Beira Interior. p. 1033-1042.

Pereira, F. (Coord.) (2008). *Alunos Cegos e com Baixa Visão*. Orientações Curriculares. Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular/Direção de Serviços da Educação Especial e do Apoio Sócio-Educativo.

Pérez, Juan (2009). *Coaching para docentes*. Porto: Porto Editora.

Reid, G. (2011). *Dyslexia*. Londres: Continuum Books

Royer, E. (2005) *Comment enseigner à des élèves ayant des troubles du comportement?*. Disponível em <http://www.ecolecomportement.com/trucs1.html>, consultado em 01-08-2013

Simão, A. M. & Flores, M. A. (2008). *Experiências de tutoria: problemas e desafios*. Retirado de <http://www.eduonline.ua.es/jornadas2008/comunicaciones/2D2.pdf>

Simmons, F. & Singleton, C. (2000). *The Reading Comprehension Abilities of Dyslexic Students in Higher Education*. *Dyslexia* 6, 178-192.

UMIC - Programa Acesso da UMIC, *Recursos de Acessibilidade Web*. Retirado de <http://www.unic.pt>

Wankat, P. C. & Oreovicz, F. S. (2013) Student cheating, discipline, and ethics em Tea-

ching Engineering. 235-243 acessível em <https://engineering.purdue.edu/ChE/AboutUs/Publications/TeachingEng/index.html>. Consultado em 01-08-2013

W3C World Wide Web Consortium Recommendation, Web Content Accessibility Guidelines 2.0. Working Draft 11 December 2008 reformatted on 03 March 2009. In <http://www.w3.org/TR/2009/REC-WCAG20-20090303/>

WebAim - *Web accessibility in mind*. Retirado de <http://webaim.org/resources/>

